

MATERIAL DIDÁTICO – SCRIPTORIUM

AFONSO CELSO MALECHA TEIXEIRA

Este material foi desenvolvido no âmbito do Projetos “Viagens e Viajantes na Idade Média” do *Scriptorium* – Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos da Universidade Federal Fluminense (UFF). Os resultados aqui presentes foram realizados por Afonso Celso Malecha Teixeira, bolsista PIBIC entre 2016 e 2017.

Durante a vigência da bolsa, Afonso Celso Malecha Teixeira analisou o relato de viagem (*rihla*) de Ibn Battuta (1304-1368), a partir da tradução para o francês de Vincent Monteuil (BATTUTA, IBN. *Voyages*. Paris: La Découverte, 1977) e para o espanhol feita por Serafín Fanjul e Federico Arbós (BATTUTA, IBN. *A través del Islam*. Madrid: Alianza Editorial, 2005). A antologia de fontes está reproduzida no trabalho de conclusão de curso do autor (TEIXEIRA, Afonso Celso Malecha. *Identidade e alteridade no mundo árabe-islâmico através da viagem de Ibn Battuta (1304-1368)*. Niterói: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Federal Fluminense, 2014) seguindo a tradução castelhana do relato. O glossário, por ter sido realizado durante a bolsa PIBIC, privilegiou a tradução francesa.

GLOSSÁRIO PARA O RELATO DE IBN BATTUTA ¹		
TERMO	TERMO EM ÁRABE	SIGNIFICADO/EXEMPLO
ADAB	أدب	Palavra de difícil tradução, <i>adab</i> refere-se, no Islã Clássico, às regras da vida em sociedade e, conseqüentemente, ao sistema de cultura. Trata-se, em geral, da cultura letrada das camadas médias e altas da sociedade árabe-islâmica.
AHL AL-KITAB	أهل كتاب	“Fiéis do livro”. Nome dado pela tradição muçulmana aos detentores de uma religião revelada, como os judeus, cristãos, sabeus e zoroastrianos. Mediante o pagamento de um imposto (<i>djizya</i>) poderiam praticar sua religião privadamente.
'ALIM	علیم	(plural, <i>ulamâ</i> ou <i>ulemá</i>) Designa o detentor do saber religioso (<i>ilm</i>), oposto ao conhecimento profano (<i>ma'ifa</i>). Os “sábios”, exegetas corânicos, juristas e teólogos eram os guardiões da tradição, os representantes do consenso da comunidade (<i>idjmâ'</i>).
AMÎR	أمیر	(ou emir) Governador, príncipe. Emprega-se sobretudo para designar aquele que é investido de autoridade militar. Exemplo: « Bougie avait alors pour émir Abou Abd Allah Mohammed ben Seyid annâs, le chambellan ». (p. 63)
AMÎR AL-MU'MINÎN	أمیر المؤمنین	Comandante dos Crentes ou Príncipe dos Crentes. Título utilizado pelos primeiros governantes da <i>umma</i> e associado ao título de Califa. A expressão possui um valor messiânico. O Comandante dos Crentes é o chefe carismático, escolhido por Deus para submeter o mundo a Sua vontade. No Alcorão, líderes como Josué, Saul e Davi eram <i>amîr al-mu'minîn</i> .
CÁDI	قاضي	O juiz (<i>qâdi</i> , alcaide). Responsável por julgar todos os assuntos civis, penais e, sobretudo, religiosos. Sua competência estende-se por assuntos variados como direito familiar ou sucessão, fundações piedosas etc. Os cádis de uma região ou de uma cidade estão por vezes subordinados a um grão-cádi. Ibn Battuta encontra, ao longo do relato, diversos cádis. Em cada cidade que visita, ele enumera quem era(m) o(s) cádi(s) do local. Ele mesmo foi nomeado cádi em algumas ocasiões (em Dehli e nas Maldivas).
CALIFA	خليفة	Representante. A palavra <i>khalîfa</i> (que originou “califa”) é utilizada no Alcorão para referir-se a Adão como o representante de Deus. Após a Criação do Universo, Deus fez de Adão, o pai da humanidade, Seu representante (<i>khalîfa</i>). No Alcorão, a palavra também é utilizada para referir-se a Salomão. O uso dessa palavra não está ligado a sucessão de um predecessor, mas com a autoridade dada por Deus, ao escolher Seu representante. Abu Bakr foi o primeiro sultão a utilizar o título de <i>khalîfa</i> .

¹ Para a elaboração desse glossário consultamos as seguintes obras: BISSIO, Beatriz. *Percepções do Espaço no Medievo Islâmico (Séc. XIV) – O exemplo de Ibn Khaldun e Ibn Battuta*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2008; DUNN, Ross E. *The Adventures of Ibn Battuta – A muslim traveler of the fourteenth century*. University of California Press: Los Angeles, 2012. ; MERVIN, Sabrina. *Histoire de l'islam – Fondement et doctrines*. Éditions Flammarion: Paris, 2010; MIQUEL, André. *O Islame e a sua Civilização séculos VII-XX*. Lisboa: Edições Cosmos, 1971; MOULINE, Nabil. *Le Califat – Histoire politique de l'islam*. Éditions Flammarion: Paris, 2016 ; PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Islã: Religião e Civilização – Uma Abordagem Antropológica*. Aparecida: Editora Santuário, 2010.

CARAVANA	قافلة	<p>As caravanas, em especial as que iam em direção a Meca, contavam com uma estrutura interna muito particular. O Sultão do Cairo apontava um <i>amir al-hajj</i> – comandante da peregrinação – entre os seus principais oficiais. Além dele, uma série de outros funcionários recebiam tarefas em uma caravana: havia um cádi, um imã, um <i>muezzin</i>, um intendente para assuntos interestatais (responsável por registrar a propriedade dos peregrinos e tomar as providências em caso de morte ao longo da rota), um secretário do <i>amir al-hajj</i>, médicos, guias árabes e um <i>muhtasib</i>, que policiava as transações comerciais e a moral pública. Ibn Battuta foi nomeado cádi em algumas das caravanas que tomou parte.</p> <p>Exemplo: Je les quittai en cet endroit et je me mis en route, en compagnie d’une caravane de marchands de Tunis, parmi lesquels se trouvaient Alhadjdj Maçoûd, fils d’Almontacir alhadjdj aladaouly, et Mohammed, fils d’Alhadjar (p. 63) / Au bout de quelque temps, la caravane du Hidjâz fit choix pour la conduire d’un cheïkh nommé Abou Ya’koûb assoûcy, qui habitait Iklibiah, ville de l’Afrikiyah. La majeure partie des gens de la caravane étaient des Masmoudites 51. Ils me choisirent pour leur kâdhi. (p. 67)</p>
CHÂFI’ITA	الشافعي	<p>Uma das quatro escolas (<i>madhhab</i>) do Islã sunnita. Leva seu nome em memória de Muhammad al-Shafi’i (768-820). Muito importante no Iraque, Kurasan e na Transoxiana, o châfi’itismo reconhecia a importância do <i>ray</i> e do <i>kiyas</i>, mas não admitia a apreciação pessoal (<i>istihsan</i>). Al-Shafi’i estende o campo de referência de jurisprudência, que Hanifa e Malik, tinham limitado aos doutos de Medina. Essa visão é considerada mais conciliadora.</p>
CHAÏKH	الشيخ	<p>(shayk, chaykh ou xeque) Literalmente, velho, venerável. Título honorífico empregado em muitos casos, especialmente nas confrarias. Na Arábia pré-islâmica, designa o chefe de tribo cuja autoridade assenta sobretudo na experiência e no prestígio pessoal.</p>
DAR	دار	<p>Território, espaço, casa. No Direito Clássico do Islã, o mundo é dividido em duas grandes regiões ou territórios: o <i>dar al-Islam</i>, a Casa do Islã, ou seja, os territórios e regiões do mundo que estão islamizadas e sob a autoridade de líderes muçulmanos; e o <i>dar al-harb</i>, a Casa da guerra, isto é, a parte do mundo que ainda precisa ser conquistada e convertida para o Islã.</p>
DHIMMI	ذمي	<p>Estatuto do “súdito protegido”. Trata-se daqueles que pertenciam às religiões toleradas pelo Alcorão, o <i>ahl al-kitab</i>. Permitia-se aos <i>dhimmi</i>s total liberdade religiosa e que organizassem sua comunidade conforme suas próprias leis consuetudinárias. Contudo, exigia-se que reconhecessem a soberania islâmica.</p>
FAQÏH	فقيه	<p>(plural <i>fuqahâ</i>) Intérprete do <i>fiqh</i>, o Direito Islâmico; jurisconsulto.</p> <p>Exemplo: Je les rejoignis dans la ville de Miliânah. C’était alors la saison des premières chaleurs de l’été. Les deux</p>

		fakîhs tombèrent malades , ce qui nous retint pendant dix jours, au bout desquels nous partîmes (p. 62)
FIQH	فقه	Ciência do Direito Islâmico, jurisprudência. Divide-se tradicionalmente em princípios (<i>ussûl</i>) e regras práticas (<i>furû'</i>).
HADÎTH	حديث	Tradição relativa aos atos, palavras e atitudes do Profeta. O <i>hadîth</i> começa a constituir-se em <i>corpus</i> e em ciência a partir do século VIII. Alguns <i>hadith</i> completam ou interpretam os ensinamentos do Alcorão, outros dão conta da vida do Profeta, exaltando-a como um modelo para todo muçulmano. As grandes coletâneas de tradições, as de Bukhârî e de Muslim. Desde muito cedo na história do Islã, a Tradição foi utilizada por razões políticas. Estudar os <i>hadith</i> , portanto, tornou-se uma tarefa importantíssima no mundo muçulmano. Com a morte dos primeiros companheiros de Muhammad, desenvolveu-se um método para aferir a veracidade dos <i>hadith</i> . Sendo essa tradição transmitida regularmente por uma cadeia de testemunhas, era necessário reconstituir essa cadeia que ligava o estudioso diante do <i>hadith</i> até o Profeta (ou um de seus primeiros companheiros). Examinar essa cadeia, bem como a credibilidade dos transmissores, levou os estudiosos do Islã a elaborarem biografias das testemunhas, os <i>tabakat</i> . Em seguida, a palavra transmitida era submetida a um julgamento crítico e finalmente convertida em texto de <i>hadith</i> (<i>matn</i>).
HAJJ	الحج	Peregrinação aos lugares às Cidades Santas do Hîdjaz (Meca e Medina). É um dos cinco pilares do Islã. Todo muçulmano deve realizá-la ao menos uma vez na vida, se ele tiver os meios financeiros e saúde para isso. Devemos, contudo, diferenciar o <i>hajj</i> , que é a peregrinação obrigatória feita durante alguns dias específicos do mês <i>Dhu al-Hijja</i> (quando há a festa de Aïd al-Ada, que comemora o sacrifício de Abraão), e a <i>umra</i> , que é a peregrinação opcional feita em outras épocas do ano. Ao reunir muçulmanos de todo o mundo, o <i>hajj</i> torna-se a expressão ritual da <i>umma</i> .
HANBALITA	الحنبلي	Uma das quatro escolas (<i>madhhab</i>) do Islã sunnita. Fundada por Abû Hanîfa, sábio nascido em Kufa e morto em 767 em Medina. Muito popular no Iraque, Kurasan e na Turquia, o hanifitismo coloca em primeiro lugar o <i>ray</i> (“opinião livre”), o <i>kiyas</i> (“raciocínio analógico”) e o <i>istihsan</i> (“apreciação pessoal”). Esta escola abre espaço para uma maior liberdade de interpretação, sendo conhecida como a escola do <i>ray</i> , em oposição ao malikismo, a escola do <i>hadith</i> . Esta oposição, contudo, é um pouco caricatural, visto que Malik não exclui o <i>ray</i> como método de análise.
HANIFITA	الحنفي	Uma das quatro escolas (<i>madhhab</i>) do Islã sunnita. Fundada por Abû Hanîfa, sábio nascido em Kufa e morto em 767 em Medina. Muito popular no Iraque, Kurasan e na Turquia, o hanifitismo coloca em primeiro lugar o <i>ray</i> (“opinião livre”), o <i>kiyas</i> (“raciocínio analógico”) e o <i>istihsan</i> (“apreciação pessoal”). Esta escola abre espaço para uma maior liberdade de interpretação, sendo conhecida como a escola do <i>ray</i> , em oposição ao malikismo, a escola do <i>hadith</i> . Esta oposição,

		contudo, é um pouco caricatural, visto que Malik não exclui o <i>ray</i> como método de análise.
HIJRAH	الهجرة	A palavra <i>hijrah</i> , em árabe, significa migração. Usualmente, é traduzida como “Hégira” ao referir-se à migração do Profeta de Meca para Medina em setembro de 622, o marco inicial do calendário islâmico.
IHRAM	الإحرام	Estado de consagração. Trata-se mais particularmente da veste ritual, utilizada pelos peregrinos em Meca. O <i>ihram</i> é uma veste branca e sem costuras. Ele confere simbolicamente a pureza necessária para se adentrar o solo sagrado e marca o abandono dos diacríticos sociais e culturais, igualando todos os peregrinos e purificando-os.
IMÃ	إمام	Literalmente, “aquele que está a frente”. O termo aparece no Alcorão ligado a ideia de orientação e direção. Abraão é o modelo do <i>imâm</i> , já que foi escolhido por Deus para ser o primeiro a receber o verdadeiro monoteísmo. No tempo dos primeiros califas, especialmente durante o governo de ‘Umar e ‘Uthmân, muitos poetas referiam-se a esses governantes como <i>imâm</i> , no sentido de guias e modelos religiosos. Apesar dos esforços do soberanos Abássidas em tornar esse termo um título oficial, a palavra <i>imâm</i> foi mais utilizada para se referir a teólogos e juristas. Na tradição shi’ita, o termo é utilizado exclusivamente para os descendentes de Alí e Fátima.
KA’BA	الكعبة	(Caaba) “O Cubo”. Nome dado ao santuário da Cidade de Meca, centro da fé muçulmana, ponto em direção ao qual se orienta, de todo o mundo, a prece dos crentes.
MADHHAB	مذهب	Doutrina. Designa mais particularmente uma das quatro escolas de jurisprudência do Islã sunnita: hannifitas, mâlikitas, châfi’itas e hanbalitas.
MADRASSA	المدرسة	Escola jurídica. Na origem, a <i>madrassa</i> era o lugar onde ensinava-se o <i>fiqh</i> , onde formavam-se os teólogos, juizes e juristas. Mesmo incluindo no programa outras ciências (gramática, retórica, lógica, exegese, <i>hadîth</i> , teologia, cálculo, astronomia), o <i>fiqh</i> era a disciplina central. A primeira <i>madrassa</i> foi fundada em Baghdad em 1065 pelo vizir seldjúcida Nizâm al-Mulk e chamou-se Nizâmiyya. As autoridades sunnitas visavam com isso fortalecer a ortodoxia sunnita contra o shi’ismo. Os estudantes podiam escolher a <i>madrassa</i> em função seu <i>madhhab</i> , isto é, a vertente jurídica sunnita (existiam quatro <i>madhhab</i> no sunnismo). Atualmente, a palavra é utilizada amplamente para referir-se a escola. Exemplo: “(...) jusqu’à ce que je fusse entré dans la ville ; j’y logeai dans le collège des libraires” (p. 65) / “hasta que penetré en la ciudad para alojarme en la Madrasa de Kutubiyyín [Escuela de los librereros] ” (p. 125)

MAMLAKA	المملكة	Domínio. Conceito utilizado na época clássica para definir o espaço onde se exerce o poder muçulmano. Atualmente, a palavra é amplamente utilizada na língua árabe para designar “reino”, onde governa o <i>malik</i> (rei).
MÂLIKITA	المالكي	(ou maliquita) Uma das quatro escolas (<i>madhhab</i>) do Islã sunnita. Deve seu nome a Malik ibn Anas, morto em 795. Seu tratado sobre direito islâmico é o mais antigo que resistiu até o presente. Caracterizado por se bastante estrito, o malikismo privilegia as fontes medinenses da Tradição, preferindo a cadeia de transmissão que liga aos primeiros califas como Abd Allah ibn Umar, filho de ‘Umar, em detrimento de Ali ou Abd Allah ibn Abbas, filho do tio do Profeta. Essa corrente espalhou-se pelo Maghreb, al-Andalus e Egito. Ibn Battuta pertencia a esta escola.
RIHLA	رحلة	Literalmente, significa “viagem” ou “périplo”. A partir do século XII, relatos de peregrinos ganharam tanto destaque na literatura que a palavra <i>rihla</i> passou a designar esse gênero literário. Ela combina informações práticas (rotas, hospedarias) com relatos de experiências pessoais do viajante. Além de contar com informações sobre a História, Geografia e hábitos dos povos e lugares visitados.
RÛMI	رومي	Romano. Termo utilizado geralmente para referir-se aos habitantes do Império Bizantino.
SHI’ITA	شيعة	Seguidor da corrente do Islã que reserva o imanato para um descendente de Alî e Fátima, filha do Profeta. Principais tendências: zayditas, duodecimanos e ismailitas. Ibn Battuta, enquanto sunnita, acredita que o shi’ismo é uma heresia, uma forma corrompida do Islã.
SUNNA	السنة	O costume, a tradição, antes de tudo a que se refere ao Profeta. Os hábitos e a prática religiosa do profeta Muhammad, registrados para a posterioridade por seus companheiros e sua família e considerados como a norma islâmica ideal. A <i>sunna</i> é cultuada na lei islâmica para que os muçulmanos possam se aproximar da figura arquetípica do Profeta, na sua perfeita submissão (<i>islam</i>) a Deus.
SUNNITA	السني	Pertencente a corrente majoritária do Islã. Definem-se como a ortodoxia islâmica. Ibn Battuta segue esta corrente.
ULEMA	العلماء	(singular <i>’alim</i>) Designa o detentor do saber religioso (<i>ilm</i>), oposto ao conhecimento profano (<i>ma’ifa</i>). Os “sábios”, exegetas corânicos, juristas e teólogos eram os guardiães da tradição, os representantes do consenso da comunidade (<i>idjmâ’</i>).
UMMA	الأمّة	A comunidade dos crentes, a comunidade muçulmana.

ANTOLOGIA DE FONTES PARA O RELATO DE IBN BATTUTA

Texto 1

Título: EXÓRDIO DE IBN YUZAYY

Referência: BATTUTA, Ibn. *A través del Islam*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

Localização: página 117

Resumo: Ibn Yuzayy apresenta o relato de Ibn Battuta, salientando sua veracidade e devoção. O poeta segue o texto dando graças e louvando a Deus, como é comum em textos islâmicos.

En el nombre de Dios el Misericordioso, el Apiadable

Dice el sabio jeque, de testimonio veraz, noble, devoto, caritativo, huésped de Dios, visitador de los Lugares Santos, honor de la religión, que en sus viajes se apoya en el Señor de los Mundos, Abu‘Abddallah M. b. ‘Abdallah b. M. b. Ibrahim al-Luwatí, el tangerino, conocido por Ibn Battuta (Dios se apiade y esté satisfecho de él por sua generosidad y munificencia, amén).

Gracias sean dadas a Dios que hizo que sus servidores domeñaran la tierra para andar por caminos anchurosos y que estableció las tres fases: germinación, regreso a la tierra y extracción de las entrañas.

Texto 2

Título: SAÍDA DE TÂNGER

Referência: BATTUTA, Ibn. *A través del Islam*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

Localização: página 122

Resumo: Descrição da partida de Ibn Battuta para sua peregrinação a Meca, aos vinte e dois anos. Ele parte sozinho, deixando para trás família e amigos. A dor da partida, deixou Ibn Battuta e os pais doentes.

Dice el jeque, Abu‘Abddallah: salí de Tánger, donde nacím el jueves 2 de *Rayab*, mês del Señor, del año 725 [14 de junio de 1325 d.C.], con el objeto de peregrinar a la Santa Casa [La Meca] y de visitar el sepulcro del Enviado de Dios, solo, sin compañero con cuya amistad solazarme ni caravana a la que adherirme, pero movido por una firme decisión en el alma y porque el ansia de encaminarme a aquellos nobles santuarios anidaba en mi pecho. Me decidí, pues, en la resolución de abandonar a mis amigas y amigos y me alejé de la patria como los pájaros dejan el nido. Aún vivían mis padres y hube de soportar el dolor de tenerlos lejos, por lo cual todos tres capimos enfermos. A la sazón mi edad era de veintidós años.

Texto 3

Título: CHEGADA AMECA

Referência: BATTUTA, Ibn. *A través del Islam*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

Localização: página 239

Resumo: Descrição da chegada de Ibn Battuta na Cidade Santa de Meca, a cidade digna de confiança, e como o viajante visitou a tumba Abraão e a santa *Ka'ba*.

Así llegamos, de mañana, a la ciudad digna de confianza, La Meca – Dios el Altísimo la honre – y nos encaminamos al santuario divino, habitáculo de su amigo Abraham y lugar en que comenzó su misión Mahoma [Muhammad] el Elegido. Entramos en el noble templo – al que cualquiera que acceda está en segura – por la puerta de los Banu Sayba y contemplamos la sacrosanta *Ka'ba*, cuya grandeza Dios acreciente. Es como una novia resplandeciente sobre un trono majestuoso, meciéndose en los mantos de su belleza, envuelta en los peregrinos del Señor, es el paso hacia el Éden. Hicimos las circunvoluciones de la llegada, abrazamos la Bendita Piedra, rezamos dos *rak'as* en el *maqan* [estación] de Abraham y nos asimos a los velos de la *Ka'ba*, junto al Multazam, sitio entre la puerta y la Piedra Negra, donde son acogidas las plegarias. Bebimos agua de la fuente Zamzam y al hacerlo se comprueba su excelencia ya expresada por el Profeta.

Texto 4

Título: FIM DO RELATO

Referência: BATTUTA, Ibn. *A través del Islam*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

Localização: página 831

Resumo: Ibn Yuzayy finaliza o relato chamando Ibn Battuta de o maior viajante de seu tempo e definindo-o como o viajante da comunidade muçulmana. O poeta faz também um longo elogio ao sultão do Marrocos, à quem se dedica esta obra, a partir da decisão de Ibn Battuta de viver em Fez o resto de seus dias.

Agrega Ibn Yuzayy: “Aquí termina la redacción del relato del jeque Abu-‘Abdallah M. b. Battuta, a quien Dios honre. No se oculta al entendimiento de cualquier racional que este jeque es el mayor viajero de nuestro tiempo. Quien le considere el viajero de la comunidad musulmana, no andará descaminado. Viajó por la Tierra todo y sólo eligió la capital Fez como residencia y patria, tras haber vagado tanto, cuando estuvo cierto de que nuestro señor – Dios le auxilie – es él más excelso rey del mundo, él más meritorio, el que más prodiga sus dones y mercedes, quien mejor acogida dispensa a los caminantes y quien más se ocupa de proteger a los estudiosos de la ciencia.